

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MEL BROOKS, DEIXA-NOS EM PAZ!
3 e 4 de fevereiro de 2026

YOUNG FRANKENSTEIN / 1974
(*Frankenstein Júnior*)

um filme de MEL BROOKS

Realização: Mel Brooks / *Argumento:* Mel Brooks e Gene Wilder, inspirados no romance *Frankenstein*, de Mary Shelley / *Direção de fotografia:* Gerald Hirschfeld / *Direção de arte:* Dale Hennesy / *Decoração:* Robert de Vestel / *Guarda-roupa:* Dorothy Jeakins / *Caracterização:* Edwin Butterworth, John Truwe, William Tuttle / *Cabelos:* Mary Keats / *Som:* Richard Portman, Don Hall / *Misturas:* Gene S. Cantamessa / *Música original:* John Morris / *Montagem:* John C. Howard / *Interpretação:* Gene Wilder (Dr. Frederick Frankenstein), Peter Boyle (a criatura), Marty Feldman (Igor), Cloris Leachman (Frau Blücher), Teri Garr (Inga), Kenneth Mars (inspetor Kemp), Madeline Kahn (Elizabeth), Richard Haydn (Herr Gerhardt Falkstein, o advogado), Richard Roth (o ajudante do inspetor Kemp), Monte Landis (coveiro), Rusty Blitz (coveiro), Gene Hackman (Harold, o cego), Mel Brooks (lobisomem, voz do Victor Frankenstein), Liam Dunn (Sr. Hilltop), Danny Goldman (estudante de medicina), Oscar Beregi (carcereiro), Arthur Malet (velho aldeão), Anne Beesley (Helga), Rolfe Sedan (maquinista ferroviário), Michael Fox (o pai de Helga), Lou Cutell (aldeão assustado), Ian Abercrombie (outro aldeão), entre outros.

Produção: Gruskoff/Ventura Films, Crossbow Productions, Jouer Limited (EUA, 1974) / *Produção:* Michael Gruskoff / *Distribuição:* Twentieth Century Fox / *Cópia:* 35mm (Classic Films), colorida, falada em inglês e alemão com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 106 minutos / *Estreia comercial norte-americana:* 15 de dezembro de 1974 / *Estreia comercial portuguesa:* 20 de junho de 1975, cinema Condes / *Primeira exibição na Cinemateca:* 12 de fevereiro 1994, "Um Carnaval com Mel Brooks".

YOUNG FRANKENSTEIN é apresentado em diálogo com FRANKENSTEIN (1931), de James Whale, que é exibido a 3 de fevereiro, às 21h30.

Os filmes de Mel Brooks, antigo *gagman*, especialista em espectáculos de cabaret e para televisão, são, para o melhor e para o pior, marcados pelos seus começos profissionais, isto é, limitam-se, quase todos, a uma colagem de *gags* (uns mais conseguidas, outros cujo humor se apoia exclusivamente na escatologia e numa sugestão de obscenidades) que são na generalidade paródias a outros filmes ou géneros: **Blazing Saddles** e o *western*, **Young Frankenstein** e o terror, **Silent Movie** e o burlesco clássico, **High Anxiety** e o suspense hitchcockiano, **History of the World, Part One** e a reconstituição histórica e o musical (com um dos *gags* mais conseguidos do realizador: a Inquisição apresentada como um musical aquático de Esther Williams), **Spaceballs** e a ficção científica, em especial **Star Wars**.

No conjunto de uma obra bastante desequilibrada os dois primeiros são os seus filmes mais conseguidos, talvez porque o objecto de paródia sejam géneros bem determinados, com regras e códigos rígidos aceites sem serem questionados e aos quais basta um pequeno desvio das regras e reforçar o sentido de uma frase ou imagem, para que um certo absurdo se manifeste e o humor apareça. Dos dois, porém, o terror é o mais rígido, com um menor número de *clichés* (que levaram a um rápido esgotamento da fórmula: o ciclo de terror da Universal, objecto do filme de Mel Brooks, resistiu meia dúzia de anos até ter de recorrer à auto-paródia na década de quarenta, para continuar de forma mais ou menos apagada), tomando a paródia muito mais fácil. Daí que **Young Frankenstein** apareça como o filme mais conseguido do realizador.

O melhor de **Young Frankenstein** está exactamente na recuperação da atmosfera do género que parodia e, em certos momentos, no respeito das suas convenções. O início é exemplar, e se não soubéssemos que vamos ver uma paródia, aceitá-lo-íamos como um exemplo genuíno do terror clássico. São exactamente imagens de muitos filmes da Universal dos anos 30, de um qualquer **Frankenstein** ou **Dracula**: a noite sombria e de trovoadas, a silhueta negra de um castelo no alto de uma colina, a câmara aproximando-se lentamente e uma fusão para a entrada; panorâmicas

de sombrias escadarias, teias de aranha e uma sala com um caixão, um *traveling* para a frente revelando-nos o nome do defunto: o barão Victor Frankenstein. Mais tarde a descoberta da sala secreta pelo herdeiro com o laboratório clássico, que é exactamente o mesmo do Frankenstein original, reconstruído segundo os cenários originais de Kenneth Strickfaden: a mesma prancha ascendente, os mesmos recipientes e maquinaria, mas coberta de pó e teias de aranha, como se o tempo passado fosse não o de três gerações da família Frankenstein, mas da história do cinema sobre um cenário esquecido.

A ruptura, isto é, o momento em que a homenagem se toma paródia, tem lugar no fim da sequência inicial: aberto o caixão descobre-se o esqueleto do velho cientista tendo agarrado um livro nos ossos das mãos. Quando as do estranho o puxam os ossos vêm atrás iniciando uma espécie de jogo de puxa e empurra. Está dado o toque. A partir daí todo o filme segue este processo, puxando e empurrando para os novos personagens os reflexos dos primitivos. O desvio, que atrás falei, marca o salto do género "sério" para a paródia e é flagrante em três momentos: o inspector com o braço artificial que retoma o personagem de Lionel Atwill em **The Son of Frankenstein** (mas também com uma piscadela de olho para **Dr. Strangelove**), a personagem de Elizabeth (Madeleine Kahn), transformada no fim numa **Bride of Frankenstein** a quem não falta o famoso toucado raiado de branco, e, principalmente, na famosa cena com o eremita no bosque (um *cameo* não creditado no genérico de Gene Hackman). Aqui todos os gestos do cego e do "monstro" coincidem exactamente com os do filme original, mas em todos eles há um desvio que provoca a sua irrisão: o despejar da sopa que falha sempre o prato, etc. Mas é nesta cena que se encontra mais a homenagem do que a paródia ao clássico de Whale, com a mesma poesia na paisagem e no encontro dos dois. Aqui e noutra pastiche de outra cena famosa, o encontro do "monstro" com a garota, com o piano em que ela desfolha a flor e o rosto do "monstro" entrando no campo. Mais uma vez, uma ruptura leva-nos para o campo da irrisão e da piscadela de olho cinéfila. Pergunta a garota depois de lançada fora a flor: "E agora o que atiramos?". Vemos a seguir um grande plano do rosto de Peter Boyle olhando directamente para os espectadores com um sorriso de "conhecedor", de quem sabe como a sequência termina no original. Um "monstro" cinéfilo.

O resto do filme, porém, está longe das promessas destas sequências. O humor (?) escatológico predomina, e as situações conhecidas derivam numa paródia sem graça: é o caso da cena no teatro, com a apresentação pública do "monstro". A homenagem agora é ao **King Kong**, com a sua reacção espavorida perante o rebentar da luz, logo depois da transformação da cena clássica noutra paródia, ao musical de Fred Astaire. No conjunto, **Young Frankenstein** não é um filme inteiramente logrado, com os bons momentos alternando com outros inteiramente falhados. Mas é, mesmo assim, o mais interessante dos filmes de Mel Brooks.

Manuel Cintra Ferreira